

ENVELHECIMENTO: ALEGRIAS E MEDOS NA OBRA DE ALFONSINA STORNI E GIOCONDA BELLI

Karine ROCHA (UFPE)¹

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo mostrar a maneira como a sociedade tenta vivenciar o envelhecimento. Escolhemos duas autoras de épocas diferentes para mostrar os avanços e algumas dificuldades ainda remanescentes. Alfonsina Storni viveu nas primeiras décadas do século XX, espaço no qual os preconceitos em relação à velhice feminina ainda eram muito marcados. Gioconda Belli, escritora da atualidade, nos mostra que alguns avanços foram feitos, que é possível amadurecer com leveza. No entanto, sua poética também nos mostra que envelhecer ainda é um tema difícil, principalmente para as mulheres. Desta forma, Belli revela que apesar de estarmos no século XXI, ainda não assumimos totalmente a ideia de que o envelhecimento é apenas mais uma fase da vida.

PALAVRAS-CHAVE: gênero, literatura hispano-americana, envelhecimento.

ABSTRACT:

This article explores the theme of aging in society through the work of two writers from different eras whose poetry documents both the advances and some of the lingering problems associated with the aging process. Alfonsina Storni lived in the early decades of the twentieth century when attitudes associated with the aging process for women were blatantly negative. By contrast, the work of the contemporary writer Gioconda Belli reveals advances that have been made in the acceptance of the aging process over the past century and puts forth the notion of the possibility of aging with grace. Belli's poetry highlights the difficulties associated with age, in particular for women, and underscores the reality that, even into the early part of the twenty-first century, we have not yet fully accepted the concept that aging is simply another stage of the life cycle.

KEYWORDS: gender, Hispanic American literature, aging.

“Os anos passam como a água que corre”, nos alerta Ovídio (2000, p.82) em seu segundo livro de *A Arte de Amar*. O alerta poderia servir para qualquer um, mas Ovídio prefere direcioná-lo para as mulheres. Logo em seguida, o autor profetiza o destino de qualquer mulher que envelheça: a solidão. Os anos levariam embora a nossa beleza, a energia, o vigor da juventude e só nos restaria um leito frio à noite. Alguns séculos mais adiante, o pensamento de Ovídio continua ecoando. Poderíamos citar diversos autores, mas aqui nos basta Pierre Corneille, que em poema para Mme. Duparc, deixa claro que para a mulher, a juventude é a única etapa de felicidade. O poema

¹ Professora de Literaturas de Língua Espanhola do Departamento de Letras da UFPE.
Contato: karinerocha79@yahoo.com.br

Marquesa afirma ainda que as mulheres jovens deveriam ser agradecidas pelos galanteios dos homens já velhos. Estes, apesar dos anos, ainda têm seus encantos. Mas o que dizem as mulheres à respeito de tal tema? Escolhemos duas autoras de épocas diferentes para analisar como o envelhecimento é sentido pelo sexo feminino. De um lado temos Alfonsina Storni, escritora de inícios do século XX que escandalizou a sociedade argentina com seus versos em prol da liberação da mulher. De outro temos Gioconda Belli, nicaraguense que começa a escrever na década de 1970. Lutou contra a ditadura militar em seu país enquanto escrevia versos sobre a eroticidade. Hoje vive nos Estados Unidos, onde continua se dedicando à publicação de romances com temática feminista.

Alfonsina Storni em seu livro *Mascarilla y trébol*, publica pela primeira vez, em 1938, um poema, na região platense, que versa sobre a menopausa:

A la Mujer los números
miraron Y dejáronle un cofre
en su regazo:

Y vio salir de aquél un río
rojo Que daba vuelta en espiral
al mundo.

Extraños signos, casi indescifrables,
Sombreadaban sus riberas, y la luna
Siniestramente dibujada en ellos,
Ordenaba los tiempos de marea.

Por sus crecidas Ella fue creadora
Y los números fríos
revelados
En tibias caras de espantados ojos.

Un día de su seno huyóse
el río Y su isla florecida de
hombres
Quedó desierta y vio crecer el
viento. (p.405)

Tiempo de esterilidad não é escrito em primeira pessoa, conferindo ao poema um caráter de experiência coletiva em relação à menopausa. Todos os verbos do poema estão conjugados no passado, criando um tom depressivo para este momento da vida de toda mulher. É o passado, então, o paraíso perdido onde a fertilidade abundava. O período fértil ligava à mulher ao mundo, transformando-a em um instrumento gerador de homens. As luas com seus números frios passaram e transformaram o ventre fecundo em um espaço deserto. O esvaziamento do ventre tira tudo da mulher, como afirma Janice Titiev em *Women's language in poems by Alfonsina Storni*:

The last line of “Tiempo” presents the sudden emptiness in a similar landscape created by the flight of the river and loss of fertility. Not only the potential children, but everything else too is gone. The woman is not only inactive in the final stanza,

but after the possessive in the penultimate line, she is completely replaced as subject by the capacity, or lack of it, to become pregnant. (TITIEV, 1990, p.236)

Esta visão negativa da menopausa era comum entre as contemporâneas de Alfonsina e das gerações subseqüentes. Em *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir relata detalhadamente este temor pelo fantasma da menopausa. Para a autora, o amadurecimento feminino a transforma em uma pessoa inativa, que perdeu sua função dentro da sociedade. Os filhos já foram gerados e criados, o lar está vazio, seu corpo delata todos os anos vividos e isto é interpretado como uma perda da feminilidade:

(...) a sociedade patriarcal deu a todas as funções femininas a figura de uma servidão; a mulher só escapa da escravidão no momento em que perde toda eficiência. Por volta dos cinquenta anos, está em plena posse de suas forças, sente-se rica de experiências; é mais ou menos nessa idade que o homem ascende às mais altas posições, aos cargos mais importantes: quanto a ela, ei-la aposentada. Só lhe ensinaram a dedicar-se e ninguém reclama mais sua dedicação. Inútil, injustificada, contempla os longos anos sem promessa que lhe restam por viver e murmura: "Ninguém precisa de mim!" (BEAUVOIR, 1967, p. 351)

Em *Tiempo de esterilidad*, Alfonsina mostrou-se inovadora apenas em relação ao tema abordado, já que até então as experiências vivenciadas pelo corpo feminino encontravam-se silenciadas, pelo preconceito que gerava falta de conhecimento da própria mulher em relação a sua fisiologia. Para Storni a idade poderia ser encarada como algo além do biológico, chegando a ser um destino social. Destino este que equivale a um acúmulo de desvatangens. Apesar de toda a sua luta contra os mitos que oprimem as mulheres, Alfonsina Storni acabou por reforçar os preconceitos já existentes desde a Antiguidade. O tempo nos tira a beleza, a simpatia, a sensualidade. Talvez um ponto positivo na autora seja tratar o envelhecimento masculino como algo tão negativo quanto o feminino. Em seu livro *Ocre*, Alfonsina faz uma paródia com o poema *Marquesa*, de Corneille:

Me decís, gran talento, en palabras de mofa,
 Con una voz galante y perversa, que, un día,
 Mis líneas seductoras, mi desdén de vacía,
 Pasarán...si no quedan en vuestra bella estrofa.
 Un ligero despecho orgulloso refleja
 Vuestra finta a esta vana marquesita elegante
 Y, a cambio de la estrofa, inmortal, que me cante,
 Me proponéis un beso a vuestra boca vieja.
 ¿Tenéis una fe ciega en la vida del verso?
 Yo medito en que el Todo será un día disperso... Oh,
 dejadme que mire distraída esa rosa;
 Soy mujer ante todo, del presente me encanto.
 Perdonadme, poeta, si a vuestro grave canto

Prefiero el beso joven de una boca jugosa.
(p.281)

Em *Respuesta de la marquesa a estancias de Corneille*, o eu-lírico feminino trata o homem envelhecido da mesma forma que um jovem trataria uma mulher madura. Para Alfonsina Storni, os homens mais velhos não podiam sustentar os atributos ideais de seu gênero. O homem poderia manter o talento, a inteligência, mas isto não seria suficiente para atrair um corpo jovem. Para a marquesa seria mais interessante estar com alguém da mesma idade. O ponto positivo deste poema é tirar os privilégios masculinos que se perpetuam ao longo de suas décadas de existência. Por outro lado, este aspecto positivo também se torna negativo ao desprezar o envelhecimento. Este tema, no entanto, é pouco frequente para a autora. Provavelmente por conta de sua morte, hoje considerada prematura, aos 46 anos.

Entre 1938, ano da morte de Alfonsina Storni, e 1997, ano da publicação do livro *Apogeo*, de Gioconda Belli, várias mudanças ocorreram em relação ao envelhecimento, mas sem conseguirmos eliminar por completo o estigma deste processo. Um dos avanços pode ser visto no poema *Menopausia*:

Se escriben tratados
y, desde los treinta,
empieza el sufrimiento,
el presentimiento de la catástrofe.
El cuerpo es mucho más que las hormonas
Menopausica o no,
Una mujer sigue siendo una mujer,
Mucho más que una fábrica de humores
O de óvulos.
Perder la regla no es perder la medida,
Ni las facultades,
No es para meterse cual caracol
En una concha
Y echarse a morir
Si hay depresión,
No será nada nuevo,
Cada sangre menstrual ha traído lágrimas
Y sus dosis irracionales de rabia.
No hay pues ninguna razón
Para sentirse devaluada
Tirá los tampones,
Las toallas sanitarias
Hacé una hoguera con ellas en el patio de tu casa.
Desnudate
Bailá la danza ritual de la madurez
Y sobrevive
Como sobreviviremos todas.
(p.70)

Percebemos que o sujeito poético, neste poema, repudia as convenções sociais que associam a maturidade à depreciação do corpo. Gioconda Belli assume uma postura positiva para as marcas físicas do tempo. Para a autora, as mulheres não devem se ren-

der ao imaginário patriarcal que reduz seu corpo a uma fábrica de óvulos. Uma mulher seguirá sendo uma mulher com seus desejos e seus humores. O poema pode ser visto como uma reivindicação do corpo maduro. Fato que não espantaria ao leitor de Belli. Em toda a sua obra, o corpo tem uma presença sempre marcante. O corpo feminino irradia energia sexual, desfruta do toque masculino, goza, sente as dores do parto, seduz. Tamanha paixão não poderia ser apagada com o passar do tempo. O poema chama as mulheres a se mostrarem no apogeu da vida, quando estariam mais experientes e conscientes do seu corpo.

Esta forma de vivenciar a menopausa, no entanto, não é compartilhada, ainda, por todas. Em seu artigo *La menopausia y la edad media de las mujeres*, Raquel Santiso Sanz afirma que a menopausa é encarada de maneira mais saudável por mulheres que não sucumbiram às exigências da sociedade patriarcal:

Síntomas como la depresión, la inestabilidad, el insomnio o el miedo, tienen un fuerte componente psicocultural. Los malestares de la mujer no provienen tanto del cuerpo como de la conciencia angustiada que de él se adquiere. La crisis es experimentada, en general, de manera menos aguda por aquellas mujeres que no apostaron esencialmente por los papeles tradicionalmente asignados a la femineidad y, en especial, por la maternidad. (SANZ, s/d, p.2)

Gioconda Belli alerta para não temer a depressão. Problemas emocionais sempre existiram em nossas vidas. Sanz (s/d) afirma que a depressão não é consequência da menopausa, mas de problemas pessoais que podem acontecer nesta etapa da vida. Atraso na independência dos filhos ou assumir o papel de mãe dos netos leva a um adiamento de projetos pessoais. A mulher se vê novamente obrigada a abrir mão de seus desejos em prol de outrem. Soma-se a esta realidade, crises no casamento que costumam acontecer, seja pela monotonia dos anos juntos ou pela perda de intimidade do casal. No entanto, algumas mulheres que se tornaram independentes e exercem uma profissão tendem a fazer parte de um grupo que enxerga esta fase da vida apenas como seguir envelhecendo. Negar a idade do corpo significa negar a sua própria história de vida. Menopausa não significa velhice e a maturidade é algo positivo, como vemos no poema *Los cuarenta*:

Cuando me veo forzada a decir mi edad,
Soy la primera que duda
Que el número de años me corresponda.
Después de juventudes de angustias
Sé quien soy, lo que quiero
Y el precio que estoy dispuesta a pagar para conseguirlo.
(...)

El instante mágico
En que los astros de la vida se alinean
Y, equidistantes el pasado y el futuro,
Nos tornamos leves, aladas
Prestas para danzar
Tan solo por el inefable placer de movernos
Y saber que cada movimiento nos pertenece.

(p.29)

O poema traz logo no início o que Simone de Beauvoir, em *A Velhice*, (Apud Cosotti, 2012) chama de contradição intransponível. Geralmente, o sujeito não consegue se enxergar com a idade que possui, gerando uma lacuna entre como ele se sente e como os demais o enxergam. Em *Los cuarenta* encontramos uma mulher que não se enxerga como alguém que atingiu a maturidade física. É por volta desta idade que a mulher costumava ser vista como velha, por conta do climatério. A quarentona era considerada alguém irritada, com vida sexual extinta e corpo nada atrativo. Percebemos que esta imagem sofre alterações em fins do século XX e primeiras décadas do XXI. Existe uma busca pela juventude e jovialidade. As mulheres já não aceitam ser enquadradas como alguém no final de sua vida. Ao contrário, viver a quarta década de existência significa descobrir que ainda se pode gerar, que a sexualidade não se acaba com a menstruação. Aos quarentas anos se supõe que a mulher já tenha tido experiência suficiente para saber onde concentrar suas energias e se ver livre de todas as angústias e ansiedades que assolam os vinte e trinta anos. Regina Simões, em *A mulher de 40*, afirma:

Nessa etapa da vida, as transformações físicas são reais e visíveis. A condição psicológica e os conflitos e experiências internas se registram no físico, no semblante. Sabendo colher o bom do amadurecimento, a mulher pode viver a liberdade, sua maior conquista. O processo de libertação é longo, complexo e enriquecedor. Vale dizer que a maior liberdade é aquela adquirida consigo mesma, com suas lutas internas, suas conquistas pessoais. (SIMÕES, 2013, p.50)

As ideias presentes no poema de Gioconda Belli mostram que chegar aos quarenta não significa iniciar uma etapa de perdas. Ao contrário, é uma etapa de libertação e autoconhecimento. Ser uma mulher madura é ter coragem de se assumir, de tomar as rédeas de sua própria vida. A sexualidade não morreu, apenas adquiriu outros matizes. A mulher de quarenta do poema de Belli não se encaixa no estereótipo que prevaleceu no Ocidente durante séculos. Tal comportamento é consequência de uma espécie de alargamento de fronteiras etárias, como aponta Paula Sibila em *A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice* (2012). Mais adiante Sibila pergunta: O que pode um corpo, hoje em dia? Graças aos avanços da medicina e da qualidade de vida, hoje os corpos estão além das capacidades de outrora. E é por isso, que aos quarenta anos, Belli afirma que a mulher pode dançar levemente e despreocupada. Esta deveria ser a maneira de passar pelo início da maturidade, mas ainda prevalece em muitas mulheres o medo de ser vista apenas como alguém que envelheceu. Isto também está presente em *Apogeo*.

Embora a maioria dos poemas presentes neste livro representem um eu-lírico feminino que transborda segurança, encontramos alguns nos quais a autora se mostra temerosa e cheia de dúvidas provenientes dos preconceitos sociais, como em *Dolor de los espejos*:

Hora de los cosméticos y las abluciones
La nostalgia ante las fotos luminosas
De la nada eterna juventude.
Entonces uno se pregunta
Cuánto tempo más durará la pasión,

El amor por las bicicletas
Y los cuentos de amantes furtivos.
Uno se pregunta si el amor tendrá edad,
Si el tempo será tan impacable
Como los espejos.
(p.25)

Não é fácil se libertar por completo de todos os preconceitos sociais. Vivemos em uma sociedade tomada por uma espécie de ditadura do belo, da juventude e da magreza. O medo de envelhecer pode ser considerado normal, já que o passar dos anos pode tornar a proximidade da morte mais evidente. Ariès (1975) nos alerta que este temor da morte é uma das causas pelas quais a sociedade luta para invisibilizar os mais velhos. Ninguém quer ser identificado com o momento da vida que representa perda de status e fragilidade do corpo.

Nas mulheres, os traços do rosto são suavizados com cosméticos. Bombardeadas constantemente por campanhas publicitárias nas quais desfilam rostos que parecem intocados pelo tempo, muitas partem em uma busca desenfreada pela eterna juventude. Uma pesquisa realizada por Letícia Cosotti e Roberta Campos (2012) revela que, para quase todas, existe a chegada da hora dos cosméticos. Na fase dos vinte anos, algumas consumidoras buscam produtos de beleza por mera curiosidade ou por medo de um fantasma pouco nítido chamado velhice. A terceira idade parece ser algo ainda muito distante. A preocupação aumenta por volta dos trinta e se intensifica depois dos quarenta. É nesta fase que os cosméticos ganham um espaço na rotina diária. Os cabelos brancos são escondidos e as rugas suavizadas em um intento de demonstrar que a vaidade continua existindo. Em uma sociedade que vem cultuando a imagem mais do que em qualquer outro tempo da história, ninguém quer parecer mais velha do que é. No entanto, deve-se levar em conta que tal preocupação não deve chegar ao extremo, como muitas vezes acontece. Freedman afirma que quanto maior a angústia criada pela mídia, maior será o desejo de consumir produtos de beleza, mas

Las implicaciones políticas y sociales en el culto a la juventud son más sutiles. Si usted está envuelta en una imagen adolescente, es muy probable que no se le tome en serio, y además, se le niega la visión de su propia madurez a causa del culto a la juventude las mujeres no logran abrazar la posibilidad de sentirse poderosas en la segunda mitad de sus vidas. (Apud SANZ s/d, p.9)

A flexibilização das fronteiras etárias, anteriormente mencionada, gera em alguns indivíduos um retrocesso em seu comportamento. As roupas e atitudes regridem ao período da adolescência numa tentativa desesperada de impedir a aproximação da terceira idade. O sujeito poético de *Apogeo*, entretanto, busca viver o passar do tempo de forma mais equilibrada. E é daí que surgem perguntas sobre a sexualidade, o desejo, a aventura. Quando começarei a envelhecer? É o que pergunta o poema *Dolor de los espejos*.

Para Maria José Sousa dos Santos (2012) o envelhecimento se constrói ao longo da vida. A maneira como escolhemos viver irá determinar quando o nosso corpo dará os primeiros sinais de enfraquecimento. Desta forma, é impossível responder à pergunta contida no poema. Não existe uma idade certa para largar a bicicleta, pois corpos jovens podem se cansar mais do que um corpo sexagenário. E o desejo? Os amantes? Tais per-

sonagens frequentam a obra de Gioconda Belli de maneira intensa, sendo natural se perguntar até quando existirão projetos amorosos e sexuais em sua vida. A resposta também não é fácil.

Para Andrea Moraes Alves (2012) a geração que vivenciou o feminismo entre as décadas de 1970 e 1980, geralmente, não tem um futuro sexual e amoroso idealizado. Esta geração, a qual pertence Gioconda Belli, descobriu que o casamento não é uma relação de parceria, não havendo espaço para igualdade. Muitas se encorajaram a desistir de seus maridos, resultando um grupo mais experimentado no sexo. Some-se a isto o fim da ditadura da virgindade. As mulheres desta geração nem sempre esperavam para iniciar a vida sexual em sua noite de núpcias. Desta forma, tiveram uma vida sexual interessante ao tentar romper como o ideal feminino que pairava na sociedade. Muitas, ao atingirem uma idade mais madura, não pensam mais em constituir família. Querem estar livres. Já as casadas acreditam que o que sustenta a relação não é o sexo, mas o afeto. Casadas, divorciadas ou viúvas esta geração costuma afirmar não ter projetos amorosos e sexuais. Elas acreditam estarem fora do campo de interesse masculino, por conta da idade. Outras dizem que o sexo já é algo que não mais importa e a ideia de manter um relacionamento é cansativa. Mas devemos lembrar que existe um grupo de mulheres que quer estar com alguém, mas sem compromisso. Não importa a idade, o que importa é estar viva, costuma-se ouvir. Até quando durará a paixão? Até quando o interesse durar.

Vimos que algumas mulheres se preocupam com a vaidade, outras nem tanto. Algumas ainda querem uma vida amorosa, outras não. O processo de envelhecimento masculino pode ser enxergado de maneira mais lenta, menos pesado do que para a mulher. Mas o fato é que, todos nós envelhecemos e algumas experiências, medos e angústias talvez sejam compartilhados por todos. Gioconda Belli nos dá um poema que explicita esta ideia, *Del otoño y sus miedos*.

Crecen los hijos. Se marchan. Y así deve crecer la poesía
Así deben crecer las palabras, los verbos que acomodan
Al pase de la vida.
Todos los días me levanto,
Con un sentido de perdida que niego,
Del que huyo, del que no quiero hablar.
Me desvivo buscando um diccionario de palabras amables
Rezo para que no me sea dado conocer
El terror de las hojas secas,
El viento del otoño amarillando
El verdor
(...)
Cómo escribir esto?
Cómo darle voz a este miedo?
Cómo reconocerlo
Cuando todos lo niegan?
No es acceptable tenerle miedo a la madurez,
Al deterioro. No. Hay que pretender que no pasa nada
Salirle orgullosa el paso. Todavía estas joven y guapa. Todavía.
(p.52)

Viver significa que um dia os filhos irão embora, perpetuando um percurso de vida que existe desde a formação dos primeiros núcleos familiares. Viver é ouvir o

silêncio deixado pelos filhos na casa onde cresceram. É um fato para o qual muitas famílias da sociedade latina não estão preparadas, ao negar o amadurecimento daqueles que passam a ser enxergados como as eternas crianças. Ver os filhos já adultos é um sinal de envelhecimento que deveria ser praticado como mais um ciclo de vida que se inicia e não como uma grande perda no cotidiano. No entanto, o poema relaciona este momento ao medo e a tristeza, sentimentos que devem ser negados e escondidos.

Fernando Barbosa (2012) relata que a negação da tristeza é algo comum no Ocidente. A nossa cultura não busca entender os motivos de tal sentimento, negando a sua legitimidade. É preciso estar sempre bem, sorrindo e esperançoso diante da vida. É preciso reagir rápido porque a tristeza incomoda quem está ao redor. E nos dias atuais é cada vez mais difícil compartilhar estes sentimentos, graças a superficialidade e frouxidão dos relacionamentos. *Del otoño y sus miedos* corrobora com estas ideias. Embora em um momento se afirme que não devemos ter medo do envelhecimento, o poema nos transmite a mensagem de que é preciso fingir que estamos bem, que continuamos jovens e nada mudou. Estes sentimentos são consequências do medo da finitude humana, que se mostra mais forte na era capitalista.

Dúvidas sobre se haveria algo além da existência física são comuns em todas as civilizações. Cada um tenta responder a estes questionamentos de maneiras diversas. Para uns existe a metempsicose, para outros a reencarnação, além de possibilidades de viver eternamente no paraíso ou no inferno ou simplesmente deixar de existir. Os questionamentos do sujeito poético em *Del otoño y sus miedos* nos mostra que uma inquietação natural com a continuidade ou não da vida é sufocada pela sociedade atual. *Hay que pretender que no pasa nada*. Tal pensamento nos traz como consequência um número cada vez maior de idosos que se consideram jovem. O jovem não precisa pensar na morte. Ela parece algo indiferente à sua existência. A presença da morte torna o projeto capitalista de acumular bens, de sacrificar o presente em prol de um futuro feliz, inútil. Então é preciso não pensar na morte, congelar o tempo e seguir orgulhosamente como se ainda tivéssemos uma vida inteira pela frente. Assim vivemos deseducados para a única certeza que a existência nos dá, a de que um dia morreremos e desapareceremos da memória social.

Concluimos que o tema do envelhecimento em Alfonsina Storni é mais bem definido. Isto é consequência de sua época que ainda carregava consigo a ideia de que a mulher perdia sua utilidade e interesse com o passar dos anos. Mesmo tendo lutado durante pouco mais de duas décadas em prol da liberação feminina, Alfonsina Storni sucumbiu. Viu-se imersa no preconceito em relação à mulher menopáusicas e, sufocada pelos preconceitos que ainda existiam decidiu lançar seu corpo ao mar. Gioconda Belli por sua vez nos mostra as dúvidas da mulher atual. Vivemos em uma época na qual se tenta enxergar a terceira idade como mais uma etapa da vida, uma etapa saudável e ativa como qualquer outra. Por outro lado, as mulheres ainda sentem o peso do preconceito e se martirizam com a chegada da maturidade. Algumas encaram de maneira natural, outras da mesma forma que na época de Alfonsina Storni. Envelhecer não deve ser negado, mas por outro lado é preciso não pensar neste tema que reaviva o temor da morte. Em uma época de reconfigurações como a que vivemos, as diversas vozes contraditórias sobre o ato de envelhecer mostram que nós mulheres não estamos totalmente libertas. Acrescentamos, a sociedade como um todo ainda não sabe como seguir vivendo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Andrea Moraes. Gerações em perspectiva: os sentidos da sexualidade feminina na velhice e na vida adulta. In: GOLDENBERG, M. *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Ed. Civilização brasileira: Rio de Janeiro, 2012.

ARIÈS, Philippe. *Essai sur l'histoire de la mort en Occident*. Paris: Seuil, 1975.

BARBOSA, Fernando. Sentimentos de tristeza e medo da morte: memória e movimentos criativos no envelhecer. In: RIBEIRO, Lúcia. (org) *Um outro envelhecer é possível*. Editora Ideias e Letras: São Paulo, 2012.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo. A Experiência vivida*. Difusão européia do livro: São Paulo, 1967.

BELLI, Gioconda. *Apogeo*. Ediciones Centroamericanas Anama: Managua, 1997.

CORNEILLE, Pierre. *Marquesa*. Disponível em: www.cancioneros.com Acessado em 18/06/2015.

COSOTTI, Letícia; CAMPOS, Roberta. Consumo da beleza e envelhecimento: histórias de pesquisa e de tempo. In: GOLDENBERG, M. *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Ed. Civilização brasileira: Rio de Janeiro, 2012.

OVÍDIO. *A arte de amar*. L&PM Editores: São Paulo, 2000.

TITIEV, Janice. *Women's language in two poems by Alfonsina Storni*. In: monographic review, vol. VI, 1990.

SANTOS, Maria José de S. Bases biológicas do envelhecer: uma conversa que quer se expandir. In: RIBEIRO, Lúcia. (Org.) *Um outro envelhecer é possível*. Editora Ideias e Letras: São Paulo, 2012.

SANZ, Raquel Santiso. *La menopausia y la edad media de las mujeres: un analisis antropológico*. Disponível em: www.dialnet.unirioja.es/descargar/articulo/206414.pdf Acessado em: 20/06/2015.

SIBILA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática na velhice. In: GOLDENBERG, M. *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Ed. Civilização brasileira: Rio de Janeiro, 2012.

SIMÕES, Regina B. *A mulher de quarenta*. Gutenberg: Belo Horizonte, 2013.

STORNI, Alfonsina. *Obras: poesía. Tomo I*. Editorial Losada: Buenos Aires: 1999.